

ANÁLISE
DE OBRAS
ESSENCIAIS

9.º/10.º ANOS

Revisão essencial da obra

Preparação para os
momentos de avaliação

Questionários de análise
e interpretação da obra

De acordo com as
Aprendizagens Essenciais



OS LUSÍADAS

Luís Vaz
de Camões

APRESENTAÇÃO

A coleção **Análise de Obras Essenciais** é um guia fundamental para a sistematização do estudo das obras de leitura recomendada ou obrigatória no âmbito da Educação Literária das Aprendizagens Essenciais.

Cada livro da coleção apresenta uma análise cuidada da obra em estudo, permitindo a aquisição e a consolidação dos conhecimentos essenciais sobre o autor e a sua obra e ajudando na preparação para os momentos de avaliação.

Este livro apresenta-se com o objetivo de complementar o entendimento da obra, proporcionando pistas de exploração que enriqueçam a experiência de leitura.

Além das habituais sínteses de conteúdos e de ideias principais, pretende-se sobretudo acompanhar os leitores de *Os Lusíadas* na descoberta de novos sentidos, análises e interpretações, que os aproximem não só das intenções particulares do autor, mas também da compreensão de algumas das importantes mensagens representadas no texto.

NOTAS:

- ➔ A utilização deste livro não dispensa a leitura integral da obra.
- ➔ Neste livro, a edição de *Os Lusíadas* que serviu de base para a análise foi *Os Lusíadas*, de Álvaro Júlio da Costa Pimpão e Aníbal Pinto de Castro, Instituto Camões, 2000.

ÍNDICE

1. A VIDA E A OBRA	4
2. O PERÍODO HISTÓRICO E AS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS	6
2.1 O Renascimento	7
2.2 O século XVI em Portugal	7
2.3 O Classicismo	8
2.4 O Humanismo	8
2.5 O Maneirismo	9
3. A GÉNESE	11
3.1 As fontes mais relevantes	11
3.2 As características do género épico	12
3.3 O Realismo épico	14
4. A ESTRUTURA E A ORGANIZAÇÃO	15
4.1 A estrutura interna da obra	15
4.2 Os quatro planos	19
4.3 A estrutura externa da obra	32
5. LEITURA E INTERPRETAÇÃO DOS CANTOS	33
5.1 Canto I	33
5.2 Canto II	35
5.3 Canto III	37
5.4 Canto IV	39
5.5 Canto V	43
5.6 Canto VI	46
5.7 Canto VII	49
5.8 Canto VIII	52
5.9 Canto IX	55
5.10 Canto X	60
6. QUESTIONÁRIOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA OBRA	65
6.1 Itens de escolha múltipla	65
6.2 Itens de resposta estruturada	71
7. CENÁRIOS DE RESPOSTA	77

1. A VIDA E A OBRA

O que haverá a dizer acerca do homem sobre o qual já se disse quase tudo? Talvez o mais sensato seja mesmo começar por dizer que Camões é o homem sobre o qual, muito provavelmente, nunca se dirá tudo. O que sabemos dele advém, em grande parte, do que deixou escrito. É, na verdade, a partir da sua obra épica e lírica que o leitor atual pode saber mais sobre a forma como o poeta pensava. Conhecer Camões ou falar sobre a sua vida implica, necessariamente, ler e entender a sua obra, uma vez que os dados biográficos que temos disponíveis são escassos e de difícil validação.

De acordo com a informação de que dispomos, de fontes recolhidas na Torre do Tombo ou no Panteão Nacional, **Luís Vaz de Camões** terá nascido em **1524**, talvez no início desse ano, embora não haja registos seguros que determinem a data exata. Por isso, assume-se que 1525 pode ser considerado um ano de nascimento igualmente plausível. A sua terra natal é também incerta, mas muitos afirmam que terá nascido em Lisboa. Alguma documentação parece apontar para uma eventual relação genealógica com elementos da corte, por isso, admite-se que tenha descendido de uma família com raízes nobres, ligada a fidalgos da Galiza e da pequena nobreza portuguesa.

Ainda jovem, recebeu certamente uma educação humanística, dominando o latim e conhecendo os autores clássicos. Atendendo à erudição e aos conhecimentos que revela em múltiplas áreas do saber, supõe-se que terá estudado na Universidade de Coimbra. Apesar de não existirem quaisquer evidências, a tradição aponta muitas vezes a possibilidade de parentesco com Bento de Camões, que teria tido um cargo académico relevante naquela instituição, durante aquela época.

Terá frequentado a corte, no reinado de D. João III, período durante o qual lhe é atribuída a célebre conduta boémia, com desventuras amorosas e desacatos. Um desses episódios ficou associado à sua agressão a um funcionário do paço, facto que resultou na sua detenção e condenação. Este acontecimento evidencia a irreverência que marcou a sua juventude e revela o espírito inquieto do poeta, que nem sempre conseguiria conciliar a sua natureza impulsiva e emotiva com as normas sociais e políticas do seu tempo.

Perto de 1553, ainda antes de completar 30 anos, Camões deixou Portugal, passando por África. Cumpriu serviço militar, como soldado, com expedições em Goa, entre outros pontos. Durante o tempo em África, certamente antes da sua diáspora pelo Oriente, presume-se que tenha perdido o seu olho direito, provavelmente numa batalha em Ceuta. É dessa forma que, desde então, surge a icónica imagem do poeta, com uma pala no olho.

Aproximadamente durante vinte anos, Camões viveu em Ceuta, na Índia e no Sudeste Asiático, como soldado ou funcionário da Coroa. Participou em

campanhas militares, foi preso em Goa e residiu em Macau, experiências certamente inspiradoras e decisivas para concretização da sua obra, escrita muito possivelmente durante este período.

Acerca destes factos – as longas viagens por locais distantes, os naufrágios, os amores e a pobreza extrema por que terá passado – não existem propriamente documentos que atestem inequivocamente a sua verdade. Porém, de acordo com registos dispersos, relatos da época que nos chegaram e, sobretudo, através da obra literária de Camões, é possível reconstruir com relativa precisão a figura que realmente viveu naqueles anos do século XVI, cuja imagem para sempre marcou a história da cultura e da literatura, em Portugal.

Na sua última década de vida, Camões regressa a Portugal praticamente sem bens e com o manuscrito do seu poema épico, após a suposta ajuda financeira providenciada pelo seu amigo e cronista Diogo do Couto, que o terá encontrado em alegado estado de degradação e miséria, em Moçambique. Algum tempo depois do seu regresso, solicita alvará para impressão da que viria a ser a sua única obra publicada em vida, ***Os Lusíadas***, livro que seria lançado em Lisboa, em **1572**, cidade onde o poeta morreria no dia **10 de junho de 1580**. Apenas depois da publicação de *Os Lusíadas*, e já após a sua morte, começou a ser dada atenção à sua poesia lírica, que conduziu às duas primeiras edições das *Rimas*, em 1595 e em 1598.

2. O PERÍODO HISTÓRICO E AS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS

Para entendermos um pouco melhor as singulares circunstâncias em que Camões viveu, pensou e escreveu, é importante, desde logo, reiterar que as **transformações** que ocorrem nestas décadas produzirão efeitos significativos que se estenderão até à atualidade. As profundas mudanças na mentalidade científica e artística, o apreço pelo progresso e pelo conhecimento impulsionado pelas descobertas e conquistas contribuirão para encarar a realidade a uma escala efetivamente global.

A **ação do Homem** passará, então, a ocupar um espaço central na concretização dessas novas mundividências. É, por isso, determinante a confiança cada vez maior face aos desafios e aos limites que vinham marcando a condição humana, em particular durante o período medieval europeu. Animado pela ideia de que **o mundo, afinal, está ao seu alcance e que existe para ser observado e compreendido**, o indivíduo redefine o seu lugar e busca o saber através do estudo e da experiência.

Apesar de, como muitos dos seus contemporâneos, Camões estar ciente do papel de **Portugal** como impulsionador de grande parte destas mudanças, como consequência dos Descobrimentos, a verdade é que o poeta vive numa época em que a **posição periférica** do seu país se faz notar de uma forma muito mais acentuada do que é possível imaginar nos dias de hoje. Esse tempo ficou inevitavelmente marcado pela distância (literal e simbólica) que existia entre o extremo ocidental da Península Ibérica e os países culturalmente mais evoluídos, no contexto europeu.

Ainda assim, ao longo do século xv e até meados do século xvi, assiste-se a um dos períodos de maior prosperidade no território português, na sequência da expansão ultramarina, que **alargou a influência comercial portuguesa a praticamente todos os continentes**. Tal crescimento e abertura ao exterior terão um impacto generalizado na sociedade da época, também com repercussões na arte e na cultura. Todavia, a este respeito, a evolução é mais lenta e é prejudicada pela existência de uma **população pouco alfabetizada, de incipiente erudição, que pouco valoriza as artes, o teatro ou a literatura**, situação perante a qual a sensibilidade camoniana revela tantas vezes a sua preocupação e desânimo.

Na vida e obra do poeta tiveram, então, impacto diferentes correntes que marcaram o seu tempo e influenciaram o seu estilo e restantes opções literárias.

2.1 O RENASCIMENTO

O Renascimento **surgiu em Itália**, no início do século XV, num contexto de transformação da sociedade medieval. A economia agrícola e o domínio cultural da Igreja deram lugar a uma sociedade mais centralizada, urbana e dinâmica, impulsionada pelo desenvolvimento do comércio, das atividades industriais e pelo protagonismo de cidades como Florença, Veneza, Milão e Ferrara.

A invenção da **tipografia**, em meados do século XV, permitiu uma difusão rápida de ideias, notícias e obras escritas, sendo em simultâneo causa e consequência de um público leitor crescente. Paralelamente, as viagens e descobertas marítimas, assim como o contacto com povos desconhecidos, alteraram irreversivelmente as conceções europeias sobre o mundo.

O **progresso técnico** reforçou a confiança nas capacidades humanas para dominar a natureza. A tradução e divulgação rigorosa dos textos clássicos, facilitadas pela imprensa, promoveram avanços significativos em áreas como a medicina e a matemática, permitindo uma ampla assimilação da cultura greco-latina.

A designação de Renascimento aplica-se sobretudo ao **Quattrocento** italiano e a parte do século XVI europeu, tendo Florença como ponto de partida. O movimento expandiu-se depois para vários países europeus, valorizando os modelos clássicos e afirmando os ideais humanistas, que dinamizavam a ciência e colocavam o homem e a sua dignidade no centro da reflexão e da produção cultural.

2.2 O SÉCULO XVI EM PORTUGAL

Portugal sempre beneficiou de uma posição geográfica estratégica, com uma extensa costa atlântica e excelentes portos naturais. Com o passar dos séculos, estas condições favoreceram a criação de uma forte ligação da população à pesca, ao comércio marítimo e à navegação. No século XVI, estas circunstâncias serão enfatizadas por importantes inovações técnicas, como a navegação astronómica e o avanço da ciência náutica.

O país afirma-se, então, como pioneiro da expansão europeia, desde a conquista de Ceuta, em 1415, distinguindo-se pela dispersão de um império presente em África, na Ásia e na Oceânia. Esta expansão proporcionou o contacto intercultural e a criação de novos espaços, como o Brasil, revelando grande capacidade de adaptação cultural.

Contudo, o século XVI foi também marcado por crises e dificuldades. O terramoto de 1531 devastou várias povoações, sucederam-se naufrágios e faltaram recursos humanos para administrar o vasto império. A instalação da Inquisição, em 1560, acentuou tensões sociais, culminando na derrota de Alcácer-Quibir, em 1578, agravada pela morte do jovem rei D. Sebastião.

Do ponto de vista económico e social, o monopólio régio e o comércio ultramarino geraram riqueza e fortaleceram o poder absoluto, mas provocaram também

inflação, endividamento externo e decadência económica. Desenvolveu-se a burguesia, intensificaram-se conflitos com a nobreza, cresceu a influência do clero e acentuaram-se fenómenos de emigração, corrupção e ostentação.

As manifestações culturais e intelectuais floresceram sob proteção da Coroa, com destaque para a corte e para a reforma da Universidade de Coimbra por D. João III. A tipografia difundiu-se lentamente, coexistindo obras eruditas e populares. Apesar do atraso significativo relativamente a outros países europeus, existem avanços consideráveis em Portugal durante o período renascentista, com figuras a destacar-se em múltiplas áreas — literatura, ciência, arquitetura e pintura — entre as quais se contam nomes fundamentais como Sá de Miranda, João de Barros, Luís de Camões, Fernão Mendes Pinto, Pedro Nunes ou Garcia de Orta.

2.3 O CLASSICISMO

Estabeleceu-se que os autores, obras e pensamentos da Antiguidade Clássica seriam o modelo de perfeição que definiria a vertente estética do Renascimento. Esta corrente sistematizou o princípio da imitação (da natureza e dos mestres antigos – *mimesis*), servindo de base para a construção de obras de elevada complexidade estrutural.

O Classicismo valoriza, pois, o racionalismo, promovendo a tradução de autores gregos e latinos com a intenção de recuperar ideais de **harmonia e proporção**. Em contraste com a tendência vivida durante o período medieval, o artista do Renascimento procura os padrões clássicos de perfeição física e moral, enquanto afirma a sua individualidade intelectual.

No âmbito literário, as normas clássicas impõem a adoção de géneros e de aspetos formais de tradição greco-romana e italiana (como a **epopeia** e o **soneto**), com a mitologia a desempenhar um papel essencial. Por exemplo, no que se refere ao estudo de *Os Lusíadas*, o Classicismo manifesta-se também na simetria da obra e na valorização das capacidades humanas (dos heróis que representa, assim como do seu próprio autor). A epopeia de Camões aplica o rigor formal da estrutura, cruzando o plano histórico com o plano mitológico. Esta construção reflete a mundividência humanista, segundo a qual o herói coletivo português é elevado ao estatuto dos heróis antigos, acentuando a importância da experiência, do conhecimento e do domínio da razão sobre o mundo material.

2.4 O HUMANISMO

Ao constituir-se como base intelectual e filosófica do Renascimento, o Humanismo pressupõe o abandono da visão teocêntrica, segundo a qual o indivíduo vivia constrangido por convicções e dogmas que o levavam a assumir que a passagem pelo mundo natural deveria ser sempre desvalorizada em função do mundo espiritual, que se vislumbrava como o verdadeiro destino das almas. Assim, a generalidade da experiência humana, no seu sentido mais físico, era

vista, em muitos países europeus, como uma corrupção do espírito e da essência imaterial que animava os corpos, cujo principal sentido da existência pressupunha a glorificação do divino.

Em contraste, a perspectiva antropocêntrica coloca o Homem no centro do conhecimento e atribui à sua experiência e às suas capacidades racionais a possibilidade de explicar o que o rodeia. A conciliação entre «imaginação e ciência» inspira-se no clássico conceito de *humanitas*, um movimento que enfatiza a dignidade, o valor e a racionalidade do ser humano, acreditando na sua capacidade intrínseca para atingir a verdade e a felicidade, através do pensamento e da sensibilidade. Autores como Dante (1265-1321), Boccaccio (1313-1375) e Petrarca (1304-1374) foram precursores desta atitude, que coloca o Homem no centro da reflexão, em oposição à mentalidade medieval que subordinava as aspirações humanas quase exclusivamente à dimensão divina.

Do ponto de vista pedagógico e social, o ideal humanista preconiza o desenvolvimento harmonioso das faculdades morais e estéticas do indivíduo. Esta valorização das capacidades humanas reflete-se na defesa de uma organização social onde as escolhas e o mérito devem tendencialmente basear-se no saber e na competência, em detrimento do privilégio hereditário. O Humanismo promove, assim, uma cultura de erudição, na qual a educação clássica é vista como o meio primordial para a formação de uma personalidade integral e consciente.

No plano literário e linguístico, o Humanismo adotou em absoluto os modelos da Antiguidade como paradigma, recuperando as regras, os géneros e a disciplina gramatical dos autores clássicos. Para o estudo de *Os Lusíadas*, a compreensão deste movimento é essencial, uma vez que a obra camonianiana materializa a síntese entre a herança clássica e a exaltação da dignidade humana, recorrente no século XVI. A epopeia reflete o espírito humanista ao celebrar as conquistas e o conhecimento empírico do Homem, elevando o esforço humano ao plano de um herói sublime e universal.

2.5 O MANEIRISMO

A partir da segunda metade do século XVI, acentua-se na Europa um clima de considerável instabilidade. Crises económicas e surtos epidémicos abalaram a confiança no progresso humanista, gerando uma linha de pensamento que ficou designada como **Maneirismo**. Esta corrente estética reflete um Homem que se tornou contraditório e cético, passando a encarar o mundo como um espaço «desconcertado», onde a harmonia clássica é substituída pela angústia e pela incerteza da existência.

O Maneirismo distingue-se por um **estilo intelectualizado e reflexivo**, que privilegia o recurso a antíteses e a paradoxos para expressar a complexidade do real. Esta sensibilidade manifesta-se através da articulação entre o trágico e o sombrio, distante do equilíbrio luminoso que caracterizara o início do período renascentista.

Apesar de este posicionamento intelectual influenciar de forma notória o lirismo camoniano, o Maneirismo torna-se ainda mais evidente no caso de *Os Lusíadas*, principalmente no **plano das reflexões do poeta**. Ainda que a obra celebre a expansão ultramarina, Camões não segue em exclusivo uma visão otimista. O texto é, de facto, atravessado por uma oscilação constante entre a fé e a dúvida, e entre o otimismo heroico e um profundo pessimismo. Estas meditações, visíveis no final de vários cantos, revelam a face maneirista desta epopeia: a consciência das limitações humanas e a melancolia perante a decadência dos valores que outrora pareciam absolutos.

A COLEÇÃO *ANÁLISE DE OBRAS ESSENCIAIS*

é um guia fundamental para a sistematização do estudo das obras de leitura recomendada ou obrigatória no âmbito da Educação Literária das Aprendizagens Essenciais.

Cada livro da coleção apresenta uma análise cuidada da obra em estudo, permitindo a aquisição e a consolidação dos conhecimentos essenciais sobre o autor e a sua obra e ajudando na preparação para os momentos de avaliação.

A estrutura de cada livro assenta nas seguintes rubricas:

- Análise da vida, da obra e da época do autor;
- Estrutura da obra;
- Resumo dos capítulos;
- Interpretação dos aspetos principais da história;
- Retrato das personagens;
- Questionários de análise e interpretação da obra;
- Cenários de resposta dos questionários.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguineducação.pt

Editamos livros
de apoio escolar para
uma aprendizagem
autónoma e estimulante,
com rigor científico
e garantia de sucesso.

ISBN: 978-989-589-584-7



Apoio Escolar / 9.º e 10.º Anos